

Anotações referentes à Roda de Conversa e Avaliação Final do  
I Encontro Pesquisadores em História da Saúde Mental  
Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 05/08/11

### **Roda de Conversa**

Foi feita a proposta de, naquele momento do Evento, promover um diálogo igualitário entre os presentes através do qual pudéssemos debater e avaliar as práticas de pesquisa em história da saúde mental.

Ao tratar do tema, Prof. Venturini ressaltou a importância para a pesquisa de se efetivar um evento como o I Encontro no Brasil. Afirmou a necessidade de dar continuidade às interlocuções sobre o tema e aos Encontros. Trouxe as seguintes ponderações sobre pesquisas em História da Saúde Mental.

Ponderou que devemos atentar para o fato de que saúde mental é diferente de psiquiatria e de que se precisa delimitar esse conceito tendo em conta as noções que se delinearam antes e depois da Reforma. Considerou que as pesquisas devem estar atentas aos documentos oficiais e a outras fontes que nem sempre tem voz ou visibilidade no campo. Citou, como exemplo, correspondências e lembrou de um estudo feito em Imola sobre o uso das correspondências associado ao diagnóstico e não à intenção original da carta.

Referiu preocupação com o uso dos documentos referentes à história da saúde mental; dizendo que, no que se refere à Reforma, existe uma infinidade de documentos produzidos e teme pela dificuldade de encontrá-los, registrá-los e organizá-los. Muitos desses documentos não são oficiais e se encontram em estado precário, pois na época esses materiais não eram prioridade e sim a "luta".

Afirmou ainda que os pesquisadores não são apenas aqueles que possuem cargo oficial. Citou um exemplo Europeu no qual foi realizado um trabalho tendo em vista a formação de usuários como pesquisadores. Nesta experiência, estudaram métodos de pesquisa e a condução de entrevistas com a finalidade de avaliar os serviços.

Passou, então a destacar temas que considerava fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas na área, tendo como cenário a Reforma, considerada por ele como tema fundamental:

- Comparações entre aplicações da Reforma em diferentes regiões. Também ressaltou a necessidade de estabelecer este confronto entre países com pesquisas internacionais.

- Pensar atividades desenvolvidas: desenham manicômios territoriais? São ou não manicômios? O que é ou não manicômio? A nova organização é não manicomial? Moradias são lugares de emancipação? Se observa o paternalismo como modalidade de organização de uma moradia? Ex: detenção das chaves, quartos fechados... quem decide e determina?

- Diferentes tipos de envolvimento na Reforma.

- Distribuição de recursos e a importância de desenvolver trabalhos com adolescentes.

[Foi feita uma pergunta sobre a gênese da reforma]

Falou do entusiasmo presente na II Conferência e das suas conquistas. Disse tratar-se de uma proposta ideológica e afirmou que a Lei não define prazos para a extinção dos hospitais psiquiátricos. Ressaltou que a existência deste tipo de hospital impede a ruptura com o paradigma manicomial. Disse preocupar-se com a organização e abertura dos CAPS e, evidentemente, com a formação para inserção no trabalho.

A Profa. Lucia Rossi ressaltou o trabalho desenvolvido em Santa Catarina com análise de documentos e História Oral para a construção do fato histórico. Falou sobre a valorização das cenas históricas em seus contextos e lembrou da inserção da "palavra saúde mental" nos anos 40 e 50 do século XX e associou-a às práticas psicoterápicas de Jaspers, no final do século XIX.

Comentou acerca de trabalhos na Argentina que consideraram documentos e testemunhos pessoais de pacientes encarcerados e lembrou da importância de estudar palavras e nosografias em seus contextos de inserção. Deve haver relativização de noções, tendo em vista o passado e o recente. Disse ser recente a "Lei de Saúde Mental" na Argentina e que nos anos 80 e 90, nos quais o Brasil desenvolvia fortemente a Luta Antimanicomial a Argentina vivia outros decursos, outras construções.

Uma das participantes ressaltou a necessidade de estudar a História da Saúde Mental na infância, pois se observa um processo intenso de patologização e medicalização da infância.

Ana Jacó ressaltou a importância de conhecer a História ou arriscar-se a repeti-la. No caso da saúde mental, por exemplo, é importante ver o que havia antes dela. Ponderou que novas alocações dos usuários tendem a se cronificar e virar manicômios. No Rio de Janeiro, por exemplo, os residenciais terapêuticos tem sido motivo da indignação para alguns profissionais. Relatou experiência efetivada na PUCRS - Goiás, na qual se pesquisou a qualidade do trabalho em Saúde Mental e os investigadores são os técnicos do serviço.

Quanto à questão da Psiquiatria infantil, ressaltou que é preciso diferenciar "Psiquiatria Infantil" de "Psicologia Clínica". Lembrou das práticas de psicodiagnóstico nesta área e do trabalho de Arthur Ramos que associou a preceitos psicanalíticos e acompanhamento de "crianças com problemas" na área educacional.

Questionou se não está havendo uma preocupação maior com a Psiquiatria em detrimento da Psicologia, uma vez que na História da Psicologia no Brasil tem relevância as práticas no campo da Psicologia Escolar e Institucional e os atravessamentos dessas práticas no campo da clínica. Considerou, assim, que uma temática importante para uma investigação seria a corrente histórica da Psicologia Clínica e as transformações que se processaram na área. Miriam Dias afirmou que a Reforma no Brasil encontra-se em fase inicial e que o cenário de um estado forte e uma sociedade civil frágil são vetores das dificuldades dos movimentos sociais e das instituições. Relatou a necessidade de maior valorização do tema pelas agências de financiamento de pesquisas e sugeriu a proposta de encaminhamento de descritores da História da Saúde Mental e sua inclusão como subárea.

Participante (?) A formação deveria instituir perspectivas associadas aos direitos e à cidadania. Da mesma forma, as informações sobre as políticas deveriam ser foco da preparação de quem entra em CAPS. Parece haver um profundo desconhecimento das políticas o que exigiria um amplo trabalho de renovação. Faz-se necessário pesquisar a Reforma Sanitária, o SUS e direcionar pesquisas para a área social.

Stella – Lembrou da importância de trazer o tema da Saúde mental para o GT de História da Psicologia da ANPEPP. Ressaltou o valor de buscar e visibilizar outras interpretações acerca dessa temática e “abrir a cena” no sentido de enfrentar a dimensão pública do processo de pesquisar. Parabenizou a coordenadora do Encontro, Profa. Daniela Schneider, pela competência com que possibilitou a efetivação do evento.

### **Avaliação do Evento**

Profa Miriam Dias afirmou sentir-se surpresa, presenteada e grata pela experiência de colocar-se na posição de pensar e ouvir sobre História da Saúde mental. Ressaltou a gentileza dos monitores e monitoras do Encontro.

Cristiana Fachinetti ressaltou a sincronicidade entre as pesquisas que vem desenvolvendo e as discussões do evento. Considerou pertinente o número de participantes desta edição que não reproduziu a lógica dos “Eventos Gigantes” que tem presenciado.

Marta (?) disse ter superado suas expectativas com o Encontro e parabenizou a Organização do Evento pela seriedade com que encaminhou todo o processo. Afirmou, porém, que o título poderia ser intimidativo e propôs que se cometesse a ousadia de ouvir a voz do usuário.

Ileno Costa lembrou que o Encontro trouxe uma concepção de história que não se caracterizou pela rigidez ou pelo hermetismo e, por isso, possibilitou a crítica do presente, condição fundamental para o enfrentamento dos desafios do futuro. Mencionou a necessidade de consolidar, no GT da ANPEPP, a Saúde Mental como mais uma contribuição para o processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Afirmou que é importante considerar que saúde mental não é só psicologia. Além disso, sugeriu que o material fosse disponibilizado, tendo em vista as seguintes etapas: 1. Pré – encontro: *pen drive* com resumos, textos das apresentações...; 2. Durante – mobilizações no decorrer do processo (?); 3. Pós – apresentações e contribuições. Sugeriu que se encaminhasse o próximo encontro e que se tivesse em mente as temáticas Legislação, Formação, História Local e História dos serviços. Ressaltou que os registros são fundamentais pois não podemos perder a História do Evento.

Stella Goulart –Elogiou ao esforço da coordenadora do Evento. Comentou a importância de colher o processo Histórico com todas as especificidades, tendo em vista diferentes narrativas. Colocou ser este o desafio metodológico que se apresenta.

Tania Grigollo (?) – Parabenizou a organização do evento e ressaltou sua realização na UFSC. Relatou sua experiência de mestrado na qual tentou visibilizar a voz dos usuários e teve

resistências. Afirmou que não temos o registro da História da saúde mental pela voz dos usuários.

Stella Goulart - Pensar na direção do Evento na sequência. Disse que Minas estava a disposição para dar andamento à nova edição. Sugeriu que o Encontro fosse bianual e tivesse espaços para depoimentos.

Ana Maria Jacó considerou o encontro pequeno, conciso e perfeito no que se propõe e concordou com a idéia de ser bianual. Sugeriu que se mantivesse pequeno. Lembrou dos modos de efetivação do Clio Psyché como depoimentos, gravação da apresentações ... Para a próxima edição mencionou a temática História e formação – pensar a questão do presente.

Estudante de Graduação – Nas apresentações, ao invés de se ter um coordenador, poderia ser indicado um comentador. Privilegiar mais as rodas de conversa e ampliar os tempos de problematização. Participante - Cuidado com a pesquisa que aborda a voz do usuário e consolide estereotipias que reforcem preconceitos

Venturini – usar apresentações de histórias, sem cair em folclore.

Helena – As pesquisas devem visibilizar lacunas e silêncios que podem estar no depoimento de usuários, mas não somente. O uso do material é que consolida preconceitos e estereotipias.

Daniela – Agradecimentos , fechamento.